

# SPARTAKUS

Ano III - nº 4 - 2006

UMA CRÍTICA AO CAPITAL

## Da guerra e da fome se alimenta o capital



SPARTAKUS  
ESPECIAL:  
ÁFRICA

Marcado por processo de intensa exploração do ocidente, o continente africano agrega uma forte desigualdade social. Sob o domínio do capital através das transnacionais localizadas originalmente na Europa e atualmente com mais intensidade nos EUA, apresenta a mais forte desigualdade de concentração de renda.

A África tem uma das mais ricas concentrações de minerais e pedras preciosas, no entanto 300 milhões dos seus habitantes vivem com menos de um dólar por dia. A fome tem matado milhões de pessoas. A miséria no continente é traduzida diariamente nas mortes por inanição da sua população, que é sugada pelo interesse perverso do capital.

Nos últimos anos o G8 tem dirigido para este continente um discurso de comprometimento para "diminuir" a fome da população implantando o "desenvolvimento". Sendo seus países principais responsáveis pela situação de miséria do povo africano, os dois B (Bush e Blair) se apresentam como os ideólogos de um projeto de instalação do "Plano Marshall Moderno", aplicado pelo G8, Banco Mundial e FMI, proposto na Escócia em julho de 2005.

Na realidade o objetivo é a implementação de políticas comerciais liberais de privatização, fundamentados na velha conhecida crítica ao Estado Nacional. Ao considerarem que a situação da fome na África subsaariana é de responsabilidade interna, da má governança dos governos taxados como incapazes de exercerem uma política de soberania. A transferência da responsabilidade para o Estado desvia as razões reais dos conflitos, principalmente quando se sabe que o Estado é o principal aliado dos governos estrangeiros para estabelecer acordos no mercado de armas.

As antigas metrópoles coloniais (Portugal, França e Inglaterra) e países como os EUA e a própria União Soviética foram incentivadores da formação de facções internas, contribuindo para o comércio de armas. Comércio que estimulam ditaduras e guerras tribais necessárias para a garantia da reprodução do capital, enquanto a fome cresce. Um terço da população, do continente é subnutrida. As taxas de atrofias no crescimento andam quase nos 40%.

Há a necessidade de mudança, de esperança da libertação, não como projeto de emancipação via capitalismo, através de políticas assistencialistas sob a égide das instituições financeiras mascaradas do FMI, do Banco Mundial. Mas pela luta revolucionária para o socialismo.



## TAMBÉM NESTA EDIÇÃO

Qual é de fato o interesse do CAPITAL neste continente?



A Nigéria está entre os 15 maiores produtores mundiais de petróleo, entretanto entre 1970 e 2000 o número de pessoas que vivem na Nigéria com menos de um dólar por dia cresceu de 36% para mais de 70%. O petróleo apenas trouxe pobreza, violência de estado e um ecossistema moribundo. Pág. 2.

## África: o primeiro laboratório do neoliberalismo



De acordo com as Nações Unidas, 26 dos 32 países subsaarianos tinham um regime econômico "liberal" em 1998. É um atentado a condição humana ouvir o discurso do Banco Mundial, como se nunca estivessem estado na África, apresentam-se como visitantes, no papel de "bons anfitriões" que anunciam "encantadoras soluções para o desenvolvimento local". Pág. 3

## A história a ser reescrita

A descoberta de manuscritos acadêmicos do século XIII na África prova. Pág. 4



Coliseu romano na África

EXTRA – A farsa das instituições democráticas internacionais –Pág. 4

## Qual é de fato o interesse do CAPITAL neste continente?



De forma nos bantustões, nações tribais instaladas em uma geral, o continente área correspondente a 13% do território sul-africano. africano convive há Impedindo o acesso à propriedade da terra, à mais de um século participação política e às profissões melhor com a fome e a remuneradas. Só nos primeiros anos da década de guerra. Angola, um noventa, é que teve fim a política do apartheid. país de língua Entretanto segundo Desmond Tutu dez anos depois portuguesa, é um do fim do apartheid, milhões de sul-africanos exemplo desta continuam a viver em condições desumanas. situação. A luta pela

independência em Angola sob a liderança do Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA, teve apoio da União Soviética e Cuba. Com a sua libertação em 1975 passou a constituir-se um país socialista. Durante três décadas os EUA conjuntamente com a França e a África do Sul financiaram conflitos internos apoiando a União Nacional para a Independência Total de Angola, UNITA, com a desculpa de ajudar a deter o avanço dos movimentos de esquerda no continente. Situação que resultou em milhares de mortos, incluindo crianças chamadas a servir nas fileiras dos exércitos.

O receio dos países ocidentais era a expansão do socialismo no continente e o apoio do MPLA na luta contra o apartheid sul-africano. O apartheid confinava os negros em áreas separadas,

Várias tentativas de golpes em países como Sudão (2003), São Tomé e Príncipe (2003) e Guiné Equatorial (2004), Mauritânia (2005) foram apoiados e instigados pelas milícias americanas e protegidos pelo aparelho e segurança do governo americano. Todos estes países vivem em guerra civil, com a presença de governos internos que incentivam a violação dos direitos humanos. Enquanto instigam as guerras internas, os Estados Unidos, por exemplo, vão instalando suas bases militares para controle das bacias petrolíferas no continente. Afinal, "No fim da década a África sub-saariana provavelmente tornar-se-á tão importante como fonte de importações energéticas americanas quanto o Médio Oriente". A descoberta de novas reservas e a expansão da produção petrolífera têm tornado outros estados na região grandes exportadores de petróleo.

### Império do petróleo: O saqueio capitalista e a luta pela África\*

Hoje em dia a África é o centro de um grande boom do petróleo. O continente representa à volta de 10% da produção de petróleo mundial e 9,3% das reservas conhecidas, a fonte mais importante da acumulação capitalista no continente. Apesar dos campos de petróleo na África serem geralmente menores e mais profundos do que os do Médio Oriente – e os custos de produção serem, conseqüentemente, 3 a 4 vezes mais altos – o petróleo bruto africano tem habitualmente baixo teor de enxofre e é atrativo para os importadores americanos. Atualmente existem doze grandes produtores de petróleo na África – membros da Associação Africana de Produtores de Petróleo – dominada, por ordem de produção, pela Nigéria, Argélia, Líbia e Angola que, coletivamente, contabilizam 85% da produção africana. Todos os grandes produtores de petróleo africanos são altamente dependentes da sua extração. Entre os seis primeiros estados petrolíferos africanos, o óleo totaliza 75-95% de todas as receitas de exportação, 30-40% do PIB e 50-80% das receitas governamentais. Até à década de 70, o Norte de África dominava a produção de petróleo e gás no continente, mas nas últimas três décadas o centro de produção mudou-se decisivamente para o Golfo da Guiné englobando os ricos campos, *on* e *offshore*, que vão da Nigéria a Angola. O Golfo – constituído pelos chamados Estados do Golfo da África Ocidental – emergiu como o fornecedor africano predominante no cada vez mais tenso e volátil mercado mundial de petróleo.

Todos os governos africanos organizaram os seus setores petrolíferos através de companhias estatais de petróleo que têm alguma forma de parceria com as maiores companhias transnacionais de petróleo. Em geral, as companhias petrolíferas internacionais têm acordos de partilha da produção com as companhias estatais de petróleo. Todos estes petro-estados estão marcados pela chamada maldição dos recursos: corrupção avassaladora, governo autoritário e desempenho económico miserável. Aquilo que se oferece em nome do petro-desenvolvimento é terrífico e um fracasso catastrófico do desenvolvimento nacionalista. Por vezes é difícil compreender todas as conseqüências e profundidade desta afirmação. Do ponto de vista do Delta do Níger – mas não menos nos vastos mundos de bairros de lata de Kano ou de Lagos – o desenvolvimento e a riqueza petrolífera são uma anedota cruel. Estes paradoxos e contradições em nenhum lugar são maiores do que nos campos petrolíferos do Delta do Níger. Nos ricos estados petrolíferos de Bayelsa e Delta há um médico para cada 150 mil habitantes. O petróleo apenas trouxe pobreza, violência de estado e um ecossistema moribundo. Não é grande surpresa que meio século de negligência à sombra do ouro negro tenha criado uma política inflamável

\*Baseado em texto de Michael Watts (texto completo em resistir.info).

## ÁFRICA: O primeiro laboratório do neoliberalismo\*

Muito antes da terapia de choque no leste Europeu ou mesmo dos "ajustes" motivados pela dívida levados a cabo na América Latina, a África Subsaariana foi o campo de recreio do assalto neoliberal. De acordo com as Nações Unidas, 26 dos 32 países subsaarianos tinham um regime económico "liberal" em 1998.

A verdadeira crise da África é que depois de 25 anos de reformas neoliberais brutais, de ajustamentos estruturais selvagens do Banco Mundial e de estabilizações do FMI, o desenvolvimento africano fracassou catastroficamente. O quadro não é bonito. Ao longo dos últimos trinta anos não houve aumento do rendimento do africano médio. A esperança de vida é de 46 anos. Vinte e três de 47 estados subsaarianos têm um PIB inferior a US\$ 3 bilhões (o lucro líquido da ExxonMobil no primeiro trimestre de 2006 foi de US\$ 8 bilhões) e segundo o *Chronic Poverty Report 2004-05*, todos os 16 países dos mais "desesperadamente despojados" estão localizados na África Subsaariana. Mais de 300 milhões de pessoas vivem com menos de US\$ 2 por dia – e espera-se que este número ascenda a 400 milhões em 2015. Segundo uma avaliação da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, em Janeiro de 2006 vinte e sete países precisam ajuda alimentar urgente.

O tsunami neoliberal abateu-se com uma terrível ferocidade sobre as cidades africanas e sobre o mundo africano dos bairros de lata em particular. As reformas – a privatização dos serviços públicos, gerando lucros maciços para as empresas e um declínio na prestação

de serviços, a destruição de serviços urbanos, a pauperização de muitos setores da mão-de-obra do setor público, o colapso das manufaturas e dos salários reais e, muitas vezes, o desaparecimento da classe média foram implacavelmente anti-urbanos nos seus efeitos. Em consequência, as cidades africanas enfrentaram as horrendas realidades de uma contração económica de 2-5% por ano, combinada com um crescimento continuado da população de cerca de 10% ao ano. Em Dar-es-Salam, as despesas com serviços públicos per capita caíram 10% ao ano na década de 80; em Cartum o ajustamento criou um milhão de "novos pobres"; e a pobreza urbana na Nigéria quase triplicou entre 1980 e meados da década de 90.



Não admira que 85% do crescimento urbano em Nairobi, Kinshasha e Nouakchott nos anos 80 e 90 tenha sido localizado nos bairros de lata de cidades ingovernáveis e em expansão. O pior pesadelo urbano

de toda a gente – Lagos – cresceu de 300 mil para 13 milhões em 50 anos e espera-se que em 2020 se torne parte de um vasto bairro de lata com 60 milhões de pobres no Golfo da Guiné, ao longo de um corredor litoral de 600 quilómetros, desde o Benin até Acra. A África Negra terá 332 milhões de habitantes em bairros da lata em 2015, um número que se prevê duplicar a cada quinze anos. A pilhagem e a privatização do estado – quaisquer que sejam as suas "patologias" africanas – e dos terrenos públicos africanos é o espectáculo mais extraordinário de acumulação através do saque, tudo feito em nome da assistência estrangeira. A involução da cidade africana tem como seu corolário não um *lumpenproletariat* insurgente, mas um vasto universo político de Islamismo e Pentecostalismo. É este mundo oculto de poderes invisíveis – seja o Islão populista em Kano ou a bruxaria no Soweto – que representa o legado ideológico mais irrefutável da utopia neoliberal em África.

A calamidade que é o desenvolvimento africano levou diretamente a outra: a epidemia do HIV/AIDS. A mortalha que a doença tem imposto em algumas regiões é incontestável. O impacto da AIDS – com 8% de prevalência entre adultos e 28 milhões de infectados, a África contabiliza 2,3 milhões de mortos por ano pelo vírus – transformou a esperança de vida no sul e leste de África. Há 20 anos, uma criança podia razoavelmente esperar viver até aos 60 no Botswana; atualmente a expectativa é cerca de 30 anos. Em 2010, haverá mais de 50 milhões de órfãos em África.

\*Baseado em texto de Michael Watts (texto completo em resistir.info).

No final dos anos oitenta os neoliberais se sentiram realizados com o fim da proposta socialista nos países africanos. Os governos socialistas optaram por assumir a proposta neoliberal tornando-se defensores da economia de mercado. Após 16 anos de regime de economia liberal a situação da fome da África subsaariana piorou. Com a privatização dos serviços públicos (em nome da ajuda estrangeira) e com a ausência de políticas sociais a situação de miséria agravou. A esperança média de vida é de 46 anos de idade. Um terço da população está subnutrida. Aumentou a desigualdade social; a disparidade da distribuição de rendimentos; desapareceu a classe média. Enquanto isto o poder se encontra cada vez mais, fortemente centralizado nas mãos das elites local e não local na aliança governo e os proprietários das grandes empresas petrolíferas. 85% da receita do petróleo está concentrado em 1% da população.

Conforme a própria ONU vinte e sete países no continente africano precisam urgente de alimentos.

É um atentado a condição humana ouvir o discurso do Banco Mundial, que travestido de Papai Noel se coloca como o Redentor para a solução da África. Como se nunca estivessem estado na África, apresentam-se como visitantes, no papel de "bons anfitriões" que anunciam "encantadoras soluções para o desenvolvimento local".

Velhos personagens se vestem de Novos personagens anunciando o PLANO DE SALVAÇÃO: O retorno à produção de mercadorias primárias: ou seja: a RECOLONIZAÇÃO DA ÁFRICA.

## ***A África e seu papel na história intelectual do ocidente: a história a ser reescrita***

Acabam de ser encontrados na região de Timbuktu, Foi interesse do sistema europeu dominante, e seu em Mali, 150 mil manuscritos datados do século XIII poder natural de destruição, 'criar' uma África tribal. Esta descoberta prova que a África tem uma história de Homens nús, que usam seu tempo pra brigar e com documentação escrita mesmo antes da comer seus semelhantes. Equivalente ao que fizeram renascença europeia. Segundo pesquisadores locais, com o Homem americano. Ficou fácil justificar a 'falta o deserto do Saara, que cobre a região, pode está de alma' e o caráter animalesco destes povos. encobrendo mais de 1 milhão de textos acadêmicos. Uma pequena parte destes manuscritos, guardados em uma biblioteca local, falam de temas nas mais diversas áreas do conhecimento. Nas suas estantes encontram-se livros de matemática, música, medicina e até mesmos cartas de amor. Os manuscritos foram escondidos por famílias locais durante estes séculos como forma de proteção às guerras regionais e invasões europeias. Os acadêmicos são comidos por leões, brigam e destroem-se entre si. avaliam que a partir desta descoberta a história Nós, 'inferiores' sul-americanos destruimos e vivemos intelectual do ocidente deverá ser reescrita. Estima-se na grande Amazônia. Os 'inferiores' do oriente são que 25 mil acadêmicos estudavam nas universidades assassinos e vivem em sociedades que ainda não de Timbuktu no século XVI. O grande perigo agora é saíram da idade média. Mas, a salvação do mundo é a possibilidade de comércio ilegal destes textos, que a existência dos 'Homens de Bem'. Eles são ricos e poderia por fim a este verdadeiro tesouro e uma das brancos; europeus, israelenses e norte-americanos. maiores descobertas históricas do nosso tempo Vivem em Estados 'democráticos' e 'livres', e Esta descoberta representa mais uma constatação de continuando com sua 'compaixão e superioridade' que a história oficial representa apenas uma pequena devem 'ensinar' aos povos inferiores como deve ser a fração da rica história da nossa sociedade. vida numa sociedade capitalista perfeita, claro, de Universidades na África! Nunca poderiam ter existido. forma que os 'inferiores' entendam: a bala. O capital não poupou os africanos e sua rica cultura.



**Edificação Romana no Marrocos, África**

Poderiam ser mortos como formigas, aos milhares. Foi um ato de 'compaixão e superioridade' do europeu tirá-los de sua terra, fazê-los 'tementes a Deus', 'vestirem-se', comerem como 'Homens' e trabalhar, claro, como escravos.

Hoje, a situação não é diferente. Os africanos continuam sendo homens 'inferiores', que, quando não

### **Poema para a Negra**

*Geraldo Bessa Victor - ANGOLA*

Deixa que os outros cantem o teu corpo  
que dizem feiticeiro e sedutor,  
e, na voluptua vã do pitoresco,  
então madrigais á tua dor.

Deixa que os outros cantem teus requebros  
nos passos de massamba e quilapanga,  
e teus olhos onde há noites de luar,  
e teus beijos que teem sabor de manga.

Deixa que os outros cantem os teus usos  
como aspectos formais da tua graça,  
nessa conquista fácil do exotismo  
que dizem descobrir na nossa raça.

Deixa que os outros cantem o teu corpo,  
na captação atônita do viço  
e fiquem sempre, toda a vida, a olhar  
um muro de mistério e de feitiço...

Deixa que os outros cantem o teu corpo  
- que eu canto do mais fundo do teu ser,  
ó minha amada, eu canto a própria África,  
que se fez carne e alma em ti, mulher!

### **EXTRA**

#### ***A farsa das instituições democráticas internacionais***

##### ***1. Especial Líbano – Spartakus 2***

O Exército de Israel jogou bombas de fósforo em seus ataques contra o grupo guerrilheiro xiita Hezbollah durante a recente guerra no sul do Líbano, de acordo com informações dadas neste domingo por um ministro do gabinete israelense, que confirmou, pela primeira vez, as acusações libanesas. O ministro israelense afirmou que as leis internacionais não proíbem o uso dessas bombas, pois Israel e EUA não assinaram este capítulo da Convenção de Genebra. Por mais criminosas que sejam as ações de Israel, elas poderão contar sempre com o apoio incondicional dos EUA. O moderado projeto de resolução apresentado na ONU pelo Qatar — que pedia a libertação de funcionários palestinos detidos em Israel, a manutenção do fornecimento de combustível e eletricidade a Gaza e repudiava o novo massacre de Gaza em que morreram dezenas de palestinos — recebeu 10 votos a favor, 4 abstenções (Dinamarca, Peru, Eslováquia e Reino Unido) e um contra: o dos Estados Unidos. Um único voto dos EUA pode vetar uma resolução do Conselho de Segurança e as operações militares israelenses em Gaza podem continuar.

##### ***2. Especial América Latina – Spartakus 3***

Por esmagadora maioria (de um total de 192 países, só quatro votaram contra: os Estados Unidos, Israel, Palau e as Ilhas Marshall) a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou, dia 8 de Novembro, uma resolução que condena o bloqueio comercial mantido pelos EUA contra Cuba desde há 48 anos. Trata-se do 15º ano consecutivo em que a ONU condena esta agressão contra o povo cubano e os EUA fazem uma violação flagrante do Direito Internacional.